CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

23 de Dezembro de 2023

THE BASQUE COUNTRY / 1955

*uma emissão de Orson Welles
para a série televisiva **Around the World with Orson Welles***

Realização, Argumento: Orson Welles (*não creditado*) *Fotografia:* Alain Pol (*não creditado*) *Com:* Orson Welles (anfitrião, entrevistador), Chris Wertenbaker, Lael Wertenbaker, o pai Ibarburu, Neñat Toyos, etc.

Produção: Associated-Rediffusion Film / série *Around the World with Orson Welles*, episódio 1 (Reino Unido, 1955) *Produtores:* Louis Dolivet, John Jones; Roland Gillett (*produtor executivo*) *Cópia:* DCP (a partir e com qualidade de ficheiro digital de baixa definição), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 27 minutos *Estreia da emissão televisiva:* 7 de Outubro de 1955 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

THE QUEEN'S PENSIONERS / CHELSEA PENSIONERS / 1955

*uma emissão de Orson Welles
para a série televisiva **Around the World with Orson Welles***

Realização, Argumento: Orson Welles (*não creditado*) *Com:* Orson Welles (anfitrião, entrevistador), etc.

Produção: Associated-Rediffusion Film / série *Around the World with Orson Welles*, episódio 5 (Reino Unido, 1955) *Cópia:* DCP (a partir e com qualidade de ficheiro digital de baixa definição), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 27 minutos *Estreia da emissão televisiva:* 2 de Dezembro de 1955 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

THE FOUNTAIN OF YOUTH / 1958

*uma emissão piloto de Orson Welles
para uma hipotética série televisiva*

Realização, Argumento, Arranjos musicais, produção: Orson Welles *História original:* John Collier, "Youth from Vienna" *Fotografia:* Sid Hickox *Montagem:* Bud Molin *Direcção artística:* Claudio Guzman *Música (supervisão):* Julian Davidson *Caracterização:* Maurice Seidraman *Guarda-roupa:* Sandy Grace *Interpretação:* Dan Tobin (Humphrey Baxter), Joi Lansing (Carolyn Coates), Rick Jason (Alan Brody), Nancy Kulp (Stella Morgan), Billy House (Albert Morgan), Madge Blake (jornalista, *não creditada*), Orson Welles (narrador).

Produção: Desilu Productions (EUA, 1958) *Produtor executivo:* Argyle Nelson *Cópia:* DCP (a partir e com qualidade de ficheiro digital de baixa definição), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 27 minutos *Estreia da emissão televisiva:* *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTAS

Os três títulos são apresentados em DCP, com uma qualidade digital de baixa definição que é razoável nos dois primeiros, mas deficiente no terceiro, *The Fountain of Youth*. Fica o reparo, adiantando que é o material disponível para circulação.

Well, it's time to close and I think I'd like to end with a Basque ending – the way they end every story – every Basque story. I warn you... it's a little tough. It's not a bit sentimental; it's very much on the realistic side and therefore very Basque indeed. At the end of a story, a Basque story, they don't say, "And they lived happily ever after." No, here in the Basque country they say, "And if they lived well, they died well.

Orson Welles no final da primeira emissão da série britânica "Around the World with Orson Welles"

Indo directa ao assunto, em modo informativo: “Around the World with Orson Welles” é o título da série de seis emissões em *travelogue* escritas, realizadas e apresentadas por Orson Welles no mesmo ano de *Mr. Arkadin*. Na vida televisiva do prolífero inclassificável cineasta prodígio-cineasta maldito, 1955 foi pois o ano de duas séries, realizadas para a BBC e para a Associated-Rediffusion: “Sketch Book”, em seis curtos episódios escritos e apresentados por Welles, resulta da ideia de o filmar a desenhar enquanto rememora tópicos e acontecimentos da sua vida pública; escrita, realizada e protagonizada pelo próprio, “Around the World with Orson Welles” encontra-o no papel de anfitrião, o autor cuja participação em cena integra o discurso pessoal, e o mundo que o título anuncia é o da Europa (País Basco, Viena, França, Espanha, Inglaterra são os poisos dos seis episódios de meia-hora, inspirados genéricos e separadores). *This is Orson Welles behind the camera...* eis o arranque de cada título – *The Basque Country* e *The Basque Country II*, emitidos em Outubro de 1955, antecederam, em meses posteriores do mesmo ano, *Revisiting Vienna / The Third Man Returns to Vienna; St. Germain-des-Près, The Queens Pensioners / Chelsea Pensioners; Madrid Bullfight*; e um sétimo título inacabado acerca de um célebre caso de homicídio em França (o caso Dominici).

A aferir pelos dois exemplos da sessão, com paragens no País Basco e em Londres, é justa a apreciação de Jonathan Rosenbaum que estipula que “Around the World with Orson Welles é uma série televisiva vergonhosamente negligenciada” porque configura, além da dimensão *travelogue* que antecipa trabalhos posteriores de Welles, “o mais consistente dos seus ensaios fílmicos anteriores a *F for Fake* e *Filming Othello*. A série nunca foi vendida à televisão americana, e há bons motivos para suspeitar que as razões de tal fracasso foram ideológicas: implícita e explicitamente, a crítica da sociedade americana contida nas celebrações da vida no País Basco, Paris, Londres, Viena e Espanha é bastante óbvia. E é de facto possível defender que o facto de os meios de comunicação social nos EUA terem basicamente ignorado esta série britânica nos últimos sessenta anos está consciente ou inconscientemente relacionada com esta crítica”. Nesse texto publicado em 2015, “Orson Welles: Two New BFI Releases”, Rosenbaum explicita que há indicações de que a emissão de “Around the World with Orson Welles” na ITV britânica, em 1955, teve bons ecos na época, na Europa. Num texto anterior, reportando à edição americana em DVD da série, em 1999, esclarecia como esta “passou virtualmente despercebida”. Talvez seja preciso voltar a notar a prolixidade da obra de Welles no cinema, na televisão, como na rádio, e os contornos singulares da sua natureza fragmentada, pulverizada, ou a recepção eclipsada ao longo dos anos de muitos dos seus títulos e dos seus estilhaços. “Um labirinto sem centro”, foi como, em 2003, se intitulou uma retrospectiva Welles na Cinemateca notando a fertilidade da obra pejada de raridades de acesso difícil.

É verdade que “Around the World with Orson Welles” traz à ideia o extraordinário *Filming Othello* (1978). Esse filme-lição de cinema, e a seu modo um auto-retrato de Welles, cuja sempre magnética presença aí joga os papéis de actor e realizador, é a um primeiro nível uma revisitação-comentário do autor a uma das suas adaptações cinematográficas de Shakespeare (*Othello*, 1949-1952). Nesse sentido um *film on film*, *Filming Othello* adopta, como cenário eleito, a mesa de montagem de Welles, na sua casa de Beverly Glenn em 1977. A moviola, que permite a criação e a recriação do tempo, como na música, diz ele, “é a máquina que serve para montar os filmes [na era analógica do cinema]... e tem uma importância quase tão grande como uma câmara”. Ora é a câmara, a imagem da câmara, o plano recorrente dos pequenos filmes do périplo europeu de “Around the World with Orson Welles”. Amiúde em campo, o dispositivo das filmagens é um elemento estruturante da série, associado ao timbre sonoro de Welles, uma ineludível voz do século XX sob forma não cantada. Como bem se sabe desde o *off* narrador de *The Magnificent Ambersons* (1942). Mas a sua presença é de corpo inteiro, Welles é um protagonista destas crónicas de viagem na primeira pessoa.

This is Orson Welles behind the camera. A camera focused on... a fronteira internacional da comunidade autónoma do país Basco, no antigo reino de Navarra, em Espanha, com França, é o início territorial de *The*

Basque Country. E é logo Orson Welles – em campo e fora de campo – quem sintetiza a história do lugar e do povo – “os bascos são o que os bascos são”, lançando-se o retrato à identidade comunitária dos bascos, a traços distintivos, que começam na língua, passam pela realidade do contrabando, da caça à baleia, da boina, da pastorícia, e parecem sustentar-se numa resistência à assimilação. Em comunhão, a paisagem da natureza e a paisagem humana, observadas pelo viajante Welles. Um trio de homens dá lugar a uma conversa entre ele e o pastor basco regressado de vinte e três anos imigrados na América, que por sua vez dá lugar ao retrato de casal formado por este último com a rapariga com quem acabou de se casar. *Raccord* com outro cenário privilegiado do filme, a mesa de jardim da família americana Wertenbaker, composta pelo filho pequeno e mãe escritora, jornalista viajada, que se instalaram na mesma aldeia remota dos protagonistas anteriores: Welles e a parafernália que transporta consigo para as filmagens participam dos planos animados pela conversa que vai sublinhando a diferença das possibilidades de modos de vida, o apelo do que a mulher chama “a tranquilidade do povo basco”, “um sentido de dignidade e orgulho”, entendidos por Welles como mais valia. O diálogo com Lael Tucker é o segmento central do filme, a partir do qual são apresentados outros habitantes da aldeia, rematando com rituais de baile e fogo preso. “E se viveram bem, morreram bem.”

O londrino *The Queens Pensioners / Chelsea Pensioners* vai ao encontro de outras comunidades, com Welles a perorar sobre a arte de envelhecer com graciosidade, em elogio à dignidade britânica que reconhece a partir dos encontros mantidos com um grupo de viúvas, numa casa de repouso fronteira a um teatro em Hackney, e com um grupo de velhos ex-combatentes residentes num hospital em Chelsea. “In the evening of life in independance retirement.” É uma peça comovente, com Welles num papel de escuta e respeito para com as pessoas filmadas em idade avançada.

No alinhamento da sessão, *The Fountain of Youth* é uma espécie de réplica bem-humorada ao quinto episódio “Around the World with Orson Welles”: a ânsia da juventude, a sede do elixir que a garanta estão no centro do filme-piloto realizado em Hollywood no ano seguinte, que ficaria, sem sequência. Welles escreve (adaptando um original de John Collier), dirige, produz, não protagoniza mas apresenta e é ele a estrela, para todos os efeitos: “Fala-vos Orson Welles. Agrada-vos a ideia de permanecerem tão jovens como são agora nos próximos duzentos anos?” Eis a questão enfrentada pelas personagens da história que se segue, dois homens e uma mulher dos anos 1920. “O eterno triângulo somado à juventude eterna”, anuncia o autor antes do espaço dedicado ao intervalo para publicidade incluído “no prólogo”. É ele quem regressa como animador do genérico para apresentar em pormenor as personagens numa sequência que combina imagens fixas e animadas num arranjo experimentalista nos padrões televisivos da época. A (tragi)comédia em volta de um jovem casal narcisista e do feitiço prometido num frasquinho de vidro translúcido com uma poção de dose única compõe-se num registo que implica a par e passo o comentário de Welles, e por aí a ironia dos termos, bem como uma série de recursos e efeitos que participam da aludida *experimentação*.

O próprio apreciou e deixou dito (*This Is Orson Welles*, 1992) – “Gostei muito de fazer [*The Fountain of Youth*]. Baseava-se integralmente no princípio da retro projecção, não havia cenário. [...] E é evidentemente a única comédia que fiz no cinema. Fiz muita comédia no teatro e na rádio. Mas no cinema mantive-me sempre bastante solene.”

Maria João Madeira